

O debate sobre as memórias do período colonial tem ocupado o espaço público e a produção artística de forma intensa. O ciclo *Memórias Coloniais* abre espaço a este tema, acolhendo pessoas e projetos implicados em continuidade na sua pesquisa.

Os grupos de investigação AFRO-PORT Afrodescendência em Portugal (ISEG) e Discursos Memorialistas e a Construção da História (Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa) apresentam a conferência *Políticas da memória seletiva* da historiadora marroquina Fatima Harrak. Uma reflexão sobre os efeitos da “memória seletiva” no presente político atual, onde a autora defende uma “história cruzada” dos colonizadores e dos povos colonizados.

*Tudo passa, exceto o passado* é um programa sobre a herança colonial no espaço público, em museus e nos arquivos de vários países europeus, liderado pelo Goethe-Institut. Chega a Portugal sob o formato de uma mesa redonda e um ciclo de filmes e debates sobre os arquivos cinematográficos pós-coloniais.

O projeto *MEMOIRS – Filhos do império e pós-memórias europeias* junta investigadores que se interessam de modo comparado às memórias coloniais dos contextos francês, belga e português e apresenta um debate, uma sessão de cinema e uma performance à volta da mesma questão: como se manifestam as memórias do fim do colonialismo em termos sociais, culturais e artísticos na Europa.

O colonialismo e as suas consequências tem sido o tema de eleição da companhia de teatro Hotel Europa. No contexto deste ciclo, André Amálio abre o seu arquivo pessoal de entrevistas, livros, vídeos, fotografias de família e documentos da guerra e revisita as suas criações teatrais na performance de 13 horas *O fim do colonialismo português*. A Culturgest apresenta também a estreia absoluta de *Os filhos do colonialismo*, a nova produção do Hotel Europa. Convocámos ainda o artista plástico Francisco Vidal, com quem trabalhamos a imagem dos materiais de divulgação dedicados a este ciclo. Afinal, o que foi transmitido pelas pessoas que viveram o colonialismo às gerações vindouras? *Memórias Coloniais* é um convite a esta reflexão.

Desenhos © Francisco Vidal

**Culturgest**

Cofinanciado pelo  
Programa Europa Criativa  
da União Europeia –  
Projeto Create to Connect/  
Create to Impact

CREATE TO (RE)  
CONNECT & DE  
CREATE TO HUMAN  
IMPACT CHERISH



Conferências e Debates x

Teatro x

Cinema x

Performance x

# MEMÓRIAS COLONIAIS

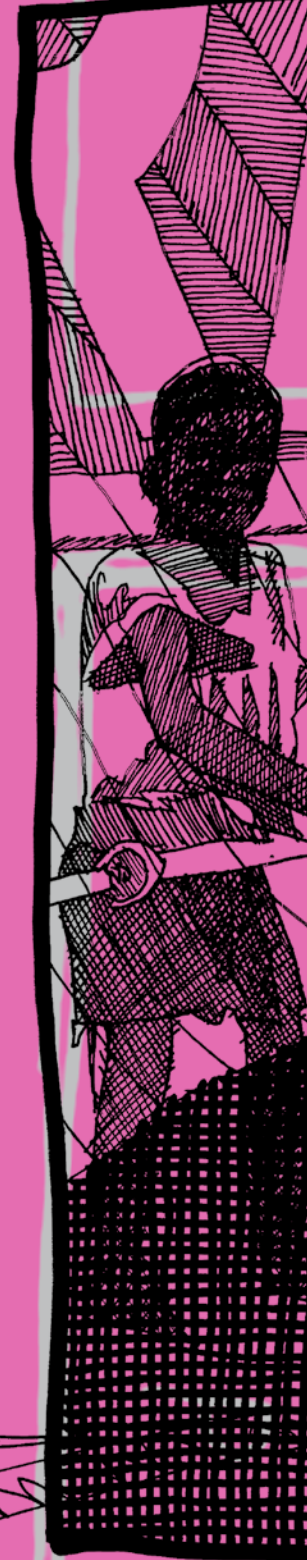
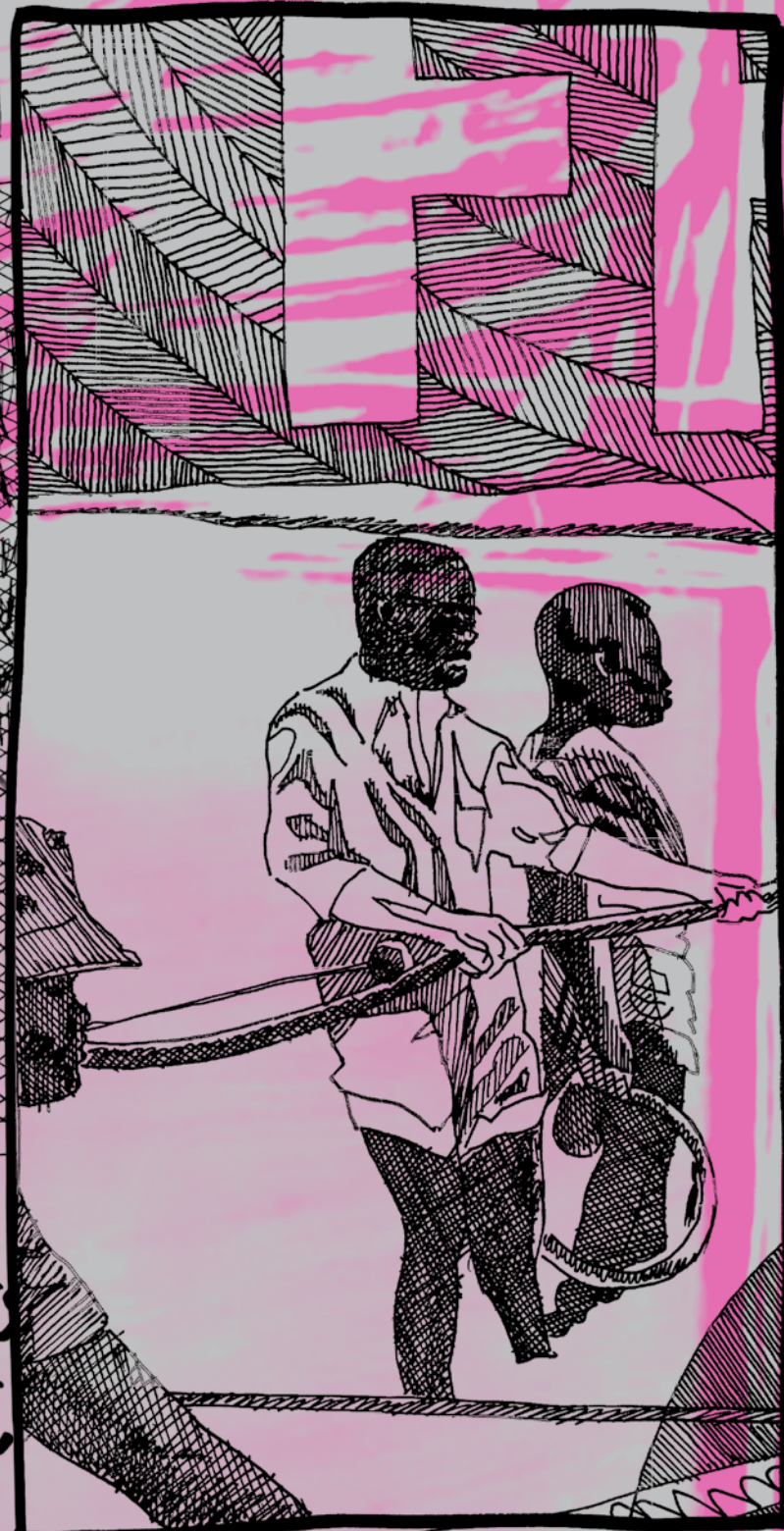


19 SET – 5 OUT 2019





NI BLANCHE, NI NOIRE. ELLE  
EST UN ENSEMBLE DE CODES  
ET D'IMAGES ANECDOTIQUES,  
PUISES DE PART ET D'AUTRE  
CINÉMATI





Teatro x

Performance x

# HOTEL EUROPA

## O FIM DO COLONIALISMO PORTUGUÊS

INSTALAÇÃO  
25–29 SET  
QUA–SEX 11:00–18:30  
SÁB–DOM 15:00–18:30  
Salas 4, 5, 6  
Entrada gratuita

PERFORMANCE  
5 OUT  
SÁB 11:00–0:00\*  
Salas 4, 5, 6  
Duração 13h  
M/12

\*É possível entrar e sair durante este horário

**CLAUDIA:** Estou aqui pelo meu pai. Descobri que não sabia mesmo nada e que tinha construído um conjunto de verdades que não eram verdades. Algumas das coisas que descobri talvez ajudem a relacionar-me com o meu pai ou a pensar de forma diferente porque foram descobertas que me tranquilizaram. Outras nem por isso... (...) Foi através do André que fui descobrindo alguns aspetos da história do meu pai que desconhecia porque nunca perguntei, ele também nunca contou. Também para mim foi conveniente imaginar queas coisas tinham sido de outra forma, e agora descobri que não foram assim. Foi triste.

**JOANA:** Não tinha noção da profundidade. Mas comecei a entrar no processo logo nesse momento, em que lancei uma cana de pesca ao passado, e as coisas começaram a acontecer. (...) É um privilégio estar a trabalhar este tema mesmo que seja difícil, houve alturas em que senti “onde é que me vim meter?” mas cada dia é um dia. Há dias ótimos, há dias menos bons, e depois tudo se vai equilibrando, ficamos com menos “buracos” interiores.

**SORAIA:** Dizia na brincadeira, no início, “quero lá saber do passado” e é verdade. Este espetáculo, nesse sentido, veio pôr-me macaquinhos no sótão: “Mas como não estás interessada nisto tudo? Como podes não saber que o teu pai foi para a guerra, que o facto de não ter aprendido as línguas de Moçambique era uma estratégia imposta pela PIDE?” Pôs-me em causa.

**PATRÍCIA:** Acho que, durante muito tempo da minha vida, olhei para esta narrativa com apatia. Foi uma apatia que herdei de um pai e de uma mãe que são frutos de uma época, de um regime onde não se questionava nada. A vida como eles a conheciam estava condicionada desta forma. E não sei se temos distanciamento ainda, talvez a geração seguinte tenha mais capacidade de olhar para este passado com imparcialidade.

**PAULO:** O meu pai infelizmente faleceu enquanto estávamos em ensaios. (...) Nós tivemos alguns problemas, nunca vivi com ele, e a peça ajudou-me muito a mudar a maneira como olhava para ele, entender o porquê de ter feito muitas coisas durante a vida. Sabia o porquê mas uma coisa é perceber, outra coisa é saber e de alguma forma aceitar.

André Amálio convida-nos a explorar sete anos de investigação sobre o colonialismo português, no contexto do percurso da companhia de teatro Hotel Europa e da sua tese de doutoramento *Reescrever a história através do teatro documental pós-colonial*. Nestes anos, Amálio entrevistou mais de 100 pessoas que viveram o período colonial e colecionou mapas, livros, vídeos, fotografias de família e documentos de guerra. Agora, todo o material recolhido é partilhado numa instalação documental e numa performance de 13 horas.

CRIAÇÃO, INTERPRETAÇÃO  
André Amálio  
COCRIAÇÃO, MOVIMENTO  
Tereza Havlíčková  
CENOGRAFIA, FIGURINOS  
Maria João Castelo  
DESENHO DE LUZ, DIREÇÃO TÉCNICA  
Joaquim Madaíl  
PRODUÇÃO  
Hotel Europa  
COPRODUÇÃO  
Culturgest

# HOTEL EUROPA

## OS FILHOS DO COLONIALISMO

26–28 SET  
QUI, SEX 21:00  
SÁB 19:00  
Grande Auditório  
Duração 80 min (aprox.)  
M/12

Teatro x

**JOANA:** Este espetáculo obriga-nos a refletir conscientemente sobre o que é memória e de que forma é que utilizamos essa memória. (...) Aqui estou a falar de mim mas acho que isso tem repercussão na relação com os outros.

**CLÁUDIA:** É a minha história, mas também é a história de todos, tem uma dimensão e um conteúdo de uma relevância importante a todos. Acho que estamos a fazer um bem a toda a população.

**PATRÍCIA:** Sinto que estou a conseguir reconciliar-me com o passado da minha família, que também é, de alguma forma, o meu. Também percebi que durante muito tempo normalizei imensas situações de racismo que vivi na infância/adolescência. Hoje sei que nada disso era completamente inocente, nada disso era aceitável. Nem comigo, nem com ninguém.

**CLÁUDIA:** Sabia que tinha sido mau mas agora apercebi-me que foi bem pior do que imaginava. Culpo-me por não ter procurado saber mais cedo mas a questão familiar impediu-me sempre. Criticava automaticamente a guerra colonial e a posição dos portugueses durante aquele período sem ir além disso. (...) De facto, o confronto com essa realidade foi bastante duro, verificar que ainda é pior do que imaginávamos e que continua tudo muito indefinido. Continua a não se falar, a não estudar, há qualquer coisa que paira sobre este tema que também compreendo, pensando outras pessoas com histórias como a minha, se calhar também “fogem” como fugi. Mas é uma obrigação nossa falar e refletir sobre este tema e torná-lo público, não mascará-lo mais porque tem sido permanentemente mascarado, contado como dá mais jeito e conveniente a quem o conta.

**JOANA:** Hoje sinto que a negação é um mecanismo psicológico mau, é a negação de quase um povo que vai fazer com que nós passemos à outra geração uma data de coisas subentendidas. Eu própria fui conivente com isto, não perguntava certas coisas. Principalmente agora pergunto “porquê?”

**CELISE:** Chegámos à conclusão, depois de ler mais sobre o assunto e ver várias reportagens, que tenta-se passar um verniz na história para que fique tudo muito bonito, para que as pessoas não fiquem tão tristes e magoadas.

Excertos de uma conversa com o elenco de “Os filhos do colonialismo”, em agosto de 2019.

Durante este trabalho dedicado ao fim do colonialismo português esteve sempre no centro das criações a recolha de testemunhos. Á medida que se faziam entrevistas, crescia a vontade de colocar aquelas pessoas em cena, para elas próprias contarem a sua história de vida. A partir dessa ideia, neste espetáculo decidimos trabalhar apenas com não profissionais, com pessoas que poderiam contar a sua história de vida e a dos seus pais no período colonial. Fizemos *workshops* de teatro documental com “os filhos do colonialismo” em que convidámos pessoas que tínhamos entrevistado anteriormente, pessoas que queríamos entrevistar e outras que nunca tínhamos visto. Trabalhamos com filhos de antigos soldados da guerra colonial, filhos de pessoas que vieram das antigas colónias portuguesas com as independências, filhos de emigrantes africanos em Portugal. Desse grupo escolhemos seis pessoas, seis histórias de vidas que refletem a complexidade do nosso passado recente e da forma como ainda afeta a nossa atualidade.

André Amálio

CRIAÇÃO  
André Amálio  
COCRIAÇÃO, MOVIMENTO  
Tereza Havlíčková  
COM  
Celise Manuel, Cláudia Cláudio, Joana Mealha dos Santos, Paulo Estrela Janganga, Patrícia Cuan, Soraia Ismael  
CENOGRAFIA, FIGURINOS  
Maria João Castelo  
DESENHO DE LUZ, DIREÇÃO TÉCNICA  
Joaquim Madaíl  
PRODUÇÃO EXECUTIVA  
Joana Costa Santos  
PRODUÇÃO  
Hotel Europa  
COPRODUÇÃO  
Culturgest  
APOIO À RESIDÊNCIA  
Biblioteca de Marvila, DeVIR/CAPa – Centro de Artes Performativas do Algarve, Largo Residências, O Espaço do Tempo





PRETO  
O BRANCO  
E O CINZA  
AMARELO



IMPERIO COLONIAL

OS FILHOS

DO RIO  
NIA LIS  
MO

27 MAIO 1977

O PAI ESTÁ? MAMÃ NÃO VÊ!  
PLEASE



FATIMA  
HARRAK

# POLÍTICAS DA MEMÓRIA SELETIVA

CURADORIA  
AFRO-PORT Afrodescendência  
em Portugal (ISEG) e Discursos  
Memorialistas e a Construção  
da História (Faculdade de Letras,  
Universidade de Lisboa)

19 SET  
QUI 18:30  
Pequeno Auditório  
Duração 90 min

AFRO-PORT Afrodescendência  
em Portugal é financiado  
por fundos nacionais através  
da FCT – Fundação para a  
Ciência e a Tecnologia, I.P., no  
âmbito do projeto FCT/PTDC/  
SOC-ANT/30651/2017

O colapso financeiro de 2008 e as resultantes políticas de austeridade aplicadas durante a passada década mergulharam a Europa e o Ocidente numa séria crise. Este processo tem-se agravado pelo acelerado movimento de populações, e piorado devido ao voto britânico para sair da União Europeia. Seguiu-se uma viragem – ou um retorno – forçado e alarmante à extrema-direita. Uma agitação populista devida, em parte, à histeria gerada pelo recente fluxo de refugiados provenientes dos conflitos em África, na Ásia, América de Sul e Médio Oriente.

Contudo, na realidade esta suposta “crise de refugiados” e “invasão” dos Estados Unidos por migrantes não-brancos não é suportada por provas empíricas tangíveis. De facto, desde 2015 que o aumento de refugiados e migrantes acolhidos e abrigados pela União Europeia não excedeu os 0,31%. Em relação aos Estados Unidos, o número de refugiados admitidos desde 2015 tem decrescido todos os anos, não atingindo os limites definidos pelo congresso ou pela presidência.

Como então é que podemos explicar este alarmante pânico populista? A intolerância e racismo a que hoje assistimos encontram as suas raízes numa longa história de amnésia europeia. O Ocidente moderno recusa olhar para o seu passado imperial, para a história do colonialismo como de facto aconteceu. Continua a não reconhecer o papel fulcral das colónias na construção da “Europa”, da sua riqueza e poder. Em vez disso, empenha-se na criação de uma nova vida para as relações de domínio, exploração e desigualdade que prevaleceram na era colonial: a etapa mais inicial da globalização.

De facto, após o fim formal da colonização, os mestres imperiais optaram pelo esquecimento e declararam um divórcio entre os seus passados imperiais e presentes “nacionais”. Assim, as Histórias imperiais foram purificadas e transformadas em histórias “nacionais”, e as respetivas “nações” foram re-imaginadas e representadas como comunidades políticas higienizadas compostas por “amigos e família”.

Esta eliminação inequívoca e despreocupada dos temas não-brancos dos impérios nas várias representações neoclássicas da história foi possível através da conceção da “memória seletiva”. Em vez da História, os antigos poderes coloniais preferiram a “memória seletiva” porque a memória refere-se às formas em que sociedades (e indivíduos) escolhem recordar (ou esquecer) certos momentos e eventos da sua história. Se a História é obstinada e refere-se ao passado, então a memória é maleável, focando o presente. E porque lida com o presente, pode ser negociada, aceite, rejeitada, falsificada e dobrada por interesses políticos e ideológicos.

Contra a “febre de Memória” que se encontra muito em voga no Ocidente, avançámos com uma História crítica e intransigente do nosso passado colonial interligado, pois não pode existir uma história “colonial” séria se não for uma “história cruzada” entre os colonizadores e os povos colonizados: uma história global a longo prazo e não-eurocêntrica, onde todas as civilizações do mundo podem encontrar o seu lugar de direito.

Fatima Harrak





# MEMÓRIAS AFRICANAS DE PORTUGAL

CARLA FERNANDES,  
INOCÊNCIA MATA,  
IOLANDA ÉVORA,  
JULIÃO SOARES  
DE SOUSA

CURADORIA  
AFRO-PORT Afrodescendência  
em Portugal (ISEG) e Discursos  
Memorialistas e a Construção  
da História (Faculdade de Letras,  
Universidade de Lisboa)

26 SET  
QUI 18:30  
Pequeno Auditório  
Duração 90 min

As estratégias intelectuais e simbólicas para reduzir o défice de (re) conhecimento da participação de africanos e afrodescendentes na sociedade portuguesa estão mais explícitas neste momento, e procuram ampliar-se para além do campo das produções culturais. Este crescimento coincide com o enfraquecimento dos argumentos que insistem no carácter temporário da presença de africanos que vivem, no presente, na antiga metrópole colonial. No cenário sociopolítico português, destaca-se os novos coletivos constituídos por pessoas afrodescendentes e afro-diaspóricas, cuja existência social – distinta da do imigrante – continua a ser pouco admitida e reconhecida como parte da sociedade portuguesa atual e fundamental na construção das diferentes linguagens sociais sobre o real.

Com base nesse contexto de negação e omissão, os projetos AFRO-PORT: Afrodescendência em Portugal e Discursos Memorialistas e a Construção da História visam relevar a importância das produções materiais e simbólicas destes segmentos na constituição da sociedade portuguesa atual, incidindo sobre os seus modos de vida, sociabilidades e práticas discursivas e trazendo as suas memórias orais para a escrita da história da presença africana e da história de Portugal. A proposta desafia tanto a normalidade das narrativas hegemónicas sobre a sua presença e participação social em Portugal – como migrantes e ex-colonizados – como as memórias de europeus sobre África e suas experiências no continente.

Os projetos contribuem para agregar os enunciados de africanos, afrodescendentes e afro-diaspóricos a uma série preexistente de enunciados sobre a sociedade portuguesa, reconhecendo que, ao longo do tempo, constituíram sob a forma de discurso pensamento, interpretação e comunicação sobre os problemas desta sociedade, e que neste programa serão reproduzidos através da fala e da imagem. Em geral, das suas narrativas, escuta-se mais facilmente as que se referem à migração ou ao seu lugar de origem. Ao propormos ouvir e/ou ver *histórias de vida* que trazem as experiências e vivências, ou seja, as perceções de pessoas que viveram (n)a metrópole colonial e as de afrodescendentes e afro-diaspóricos, convidamos à deslocação do foco do discurso para a autoria e a produção de sentidos sobre a história, a sociedade e o lugar onde vivem.

Essa perspetiva compreende a palavra no seu uso mais alargado – no debate, na interpelação ao poder e na defesa de interesses desses segmentos – como forma privilegiada de participação política e tem o poder de contrariar as tentativas de asfixiar as manifestações da sua cidadania, em contraste com as continuidades coloniais

(que se reproduzem nas representações do *migrante* em Portugal). De facto, a negociação da sua cidadania faz-se, quase sempre, sob o pano de fundo de um imaginário que perpetua a ideia de pessoas pertencentes a um não-lugar. Além disso, assegura a continuidade do colonial na forma como os africanos, afrodescendentes e afro-diaspóricos são vistos ao sublinhar-se a territorialização, a raça e a intervenção e ação social assistencialista quando se refere esse segmento étnico-social, muito heterogéneo, mas sempre visto como se fosse homogéneo. Vale a pena refletir sobre as estratégias discursivas que mantêm as noções de que essas pessoas só produzem narrativas sobre o seu não-lugar em Portugal, como se fosse possível ao ser humano viver num lugar sem tornar-se *implicado* e passar a fazer parte do mesmo e do imaginário da sociedade e a história do lugar.

Ao eleger as narrativas e o discurso como exercícios privilegiados de negociação da cidadania e de intervenção pública, confirma-se o reforço da constituição da cidadania a partir da palavra sob forma de intervenção pública. Mesmo que para africanos e afrodescendentes a palavra seja, *grosso modo*, vista como sendo mais oral, ela está sempre presente na intermediação entre cidadania e cultura política e participa na interpelação ao poder e na produção de uma cultura política local desses grupos. Uma vez que a cidadania implica diferenciação, sair do monobloco e do símbolo dominante, esta opção reflete as explicações sobre a sociedade construídas por africanos, afrodescendentes e afro-diaspóricos e, num sentido mais amplo, expressa os modos de cidadania possíveis na sociedade portuguesa contemporânea.

AFRO-PORT Afrodescendência em Portugal  
e Discursos Memorialistas e a Construção da História









Conferências e Debates x

Cinema x

GOETHE-INSTITUT

TUDO PASSA,  
EXCEPTO O  
PASSADO

No âmbito do projeto internacional *Tudo passa, exceto o passado*, o Goethe-Institut convidou investigadores e artistas internacionais para um debate sobre os arquivos cinematográficos (pós-)coloniais. Pretende-se trazer para o espaço público questões centrais que dizem respeito a arquivistas e investigadores do passado colonial mas também a toda a sociedade como, por exemplo: em que medida o presente continua a ser moldado pelas estruturas coloniais de poder. Discute-se a relação entre arquivo e poder, as atuais estratégias adotadas por arquivos a nível internacional, os desafios e perspetivas da reprodução digital, as abordagens artísticas ao material arquivado e as questões éticas e políticas inerentes a este trabalho.

A mesa-redonda conta com Filipa César, Fradique, Didi Cheeka e Tamer El Said, e a moderação estará a cargo de Stefanie Schulte Strathaus, codiretora do instituto Arsenal, em Berlim. O ciclo de cinema é comissariado por Maria do Carmo Piçarra com base em sugestões e no diálogo com os participantes do *workshop*. Para além destes eventos, o projeto integra um *workshop* que decorre em simultâneo e reúne quinze especialistas de Alemanha, Angola, Egito, Gana, Guiné Bissau, Moçambique, Nigéria, Portugal, Reino Unido e República Democrática do Congo. Promovido pelo Goethe-Institut, *Tudo passa, exceto o passado* consiste numa série de eventos que suscita interrogações sobre as maneiras de lidar com a herança colonial no espaço público, em museus e arquivos de vários países europeus. Os *workshops*, terão lugar em Bruxelas, Lisboa, Bordéus e Barcelona ao longo de 2019, e discutem de que modo o passado colonial se mantém presente nestes espaços, refletindo sobre abordagens discursivas e artísticas que visam contribuir a descolonização do pensamento (pós-)colonial.

Não são apenas os filmes que retratam as relações de poder. Estas manifestam-se desde logo nos arquivos desses mesmos filmes: a história da preservação da película é marcada pela aspiração de conservar originais, atribuindo-lhes enquanto herança cultural, um lugar no presente. Este conceito, moldado por valores ocidentais e assente na noção de um Estado-nação, determina o que deve ser classificado como património cultural e em que contexto deverá ser valorizado e transmitido. Face ao crescente número de filmes redescobertos em arquivos coloniais, bem como de documentação relativa tanto às lutas de libertação anticolonial, quanto aos esforços de construção das estruturas de um Estado, torna-se evidente que a preservação do filme não poderá ser reduzida à mera conservação das cópias de película. O próprio trabalho realizado diretamente sobre o material constitui, em si mesmo, uma prática social e política, que de algum modo reflete o papel de quem o realiza. O verdadeiro propósito de um discurso decolonial sobre os arquivos consiste, pois, em colocar a ênfase no trabalho arquivístico, que só numa segunda fase irá gerar o artefacto.

O painel aborda conceitos futuros do arquivo fílmico e questiona em que medida os cineastas, artistas e curadores contribuirão para esses conceitos. Serão eles os novos arquivistas?

Stefanie Schulte Strathaus

Conferências e Debates x

ARQUIVO DE FILMES  
DE/COLONIAL

## MESA REDONDA

COM  
Didi Cheeka  
Filipa César  
Fradique (Mário Bastos)  
Tamer El Said

MODERAÇÃO  
Stefanie Schulte Strathaus

24 SET 2019  
TER 18:30  
Pequeno Auditório  
Duração 90 min

24–27 SET  
Pequeno Auditório





# RE-IMAGINAR O ARQUIVO PÓS-COLONIAL

## CICLO DE FILMES E DEBATES

CURADORIA  
Maria do Carmo Piçarra

25-27 SET 2019  
QUA, QUI 21:30  
SEX 18:30  
Pequeno Auditório  
Duração 2h



Este ciclo de filmes foi concebido para potenciar a consciência crítica e o debate sobre ética e práticas da imagem-arquivo relativa à situação (pós-)colonial. Por imagem-arquivo entendo tanto filmes de montagem com imagens de arquivo trabalhadas de modo memorialista, como obras que (re)perspetivam e propõem novos significados do arquivo criando imagens novas, como Gianikian /Ricci-Lucchi fazem com a sua “câmara analítica”. Integrando propostas dos convidados, o ciclo desdobra-se em sessões para investigadores, arquivistas, curadores, ativistas e artistas participantes do *workshop* e noutras para o público.

Nas sessões públicas, parte-se da ressignificação pela “câmara analítica” para discutir possibilidades de reutilização de imagem (pós-)colonial, desvelando-se abordagens contemporâneas e obras “apagadas” por políticas da memória. Mas também para pensar sobre uma genealogia das imagens-arquivo, tomando-as como práxis, quando se afirmam “projeções de uma luta que ainda não acabou”.

Através deste dispositivo dispõem-se imagens geradoras de diálogo, a partir do qual possamos pensar e ensaiar práticas questionadoras, potenciando novas perspetivas artísticas, arquivísticas, de programação e investigação, mas também de cidadania. O que se busca é uma consciência crítica das representações calcificadas ou ausentes dos arquivos, fomentando o debate sobre modos de re-imaginação e abordagens éticas, não só às imagens que se fazem imagem-arquivo, mas também aos arquivos de imagens na sua materialidade.

Maria do Carmo Piçarra



25 SET 21:30

REFLEXÕES/REFRAÇÕES I:  
RE-SIGNIFICAR ATRAVÉS  
DA “CÂMARA ANALÍTICA”

MODERADOR  
Maria do Carmo Piçarra

DAL POLO ALL’EQUATORE  
DO POLO AO EQUADOR  
Angela Ricci Lucchi e Yervant Gianikian  
1986 / 98 min / cor / 16mm

Neste filme experimental, raramente visto e também o primeiro que lhes concedeu reconhecimento internacional, os cineastas vanguardistas italianos Angela Ricci Lucchi e Yervant Gianikian reeditam material filmado por Luca Comerio na década de 1910. Comerio foi um documentarista pioneiro italiano que fotografou povos “exóticos” desde o Polo Norte até ao Equador e recolheu material fílmico um pouco por todo o globo a fim de celebrar a vitalidade e as conquistas do colonialismo europeu – mas sobretudo do fascismo italiano. Ao alterarem o material de Comerio, Ricci Lucchi e Gianikian trazem à superfície a ideologia patente em cada imagem, bem como a que está inscrita nas entrelinhas. Nas palavras de Gianikian, “a violência do colonialismo, tal como se manifesta em diferentes esferas e situações.”

26 SET 21:30

REFLEXÕES/REFRAÇÕES II:  
OLHAR(ES) E MEMÓRIA(S) ATRAVÉS  
DAS PRÁTICAS ARTÍSTICAS

PARTICIPANTES  
Inadelso Cossa  
Maria do Carmo Piçarra  
Tamer El Said

SAD SONG OF TOUHA  
A TRISTE CANÇÃO DE TOUHA  
Atteyat Al Abnoudy  
1971 / 12 min / preto e branco / vídeo digital e 16mm

O segundo filme de El Abnoudy é um retrato fascinante dos artistas de rua do Cairo. De uma forma tipicamente discreta, o realizador conseguiu captar a essência e o caráter único desta subcultura de pessoas, unidas tanto pelo seu talento, como pelo seu estatuto social marginal. Mediante inquietantes imagens de pequenos contorcionistas ainda crianças e de experientes devoradores de fogo, esta comunidade firmemente unida e respetivos segredos são-nos revelados com a qualidade cinematográfica de um sonho. É uma homenagem à arte, ao espetáculo e ao esplendor das ruas do Cairo.

UN CARNAVAL EN GUINÉE-BISSAU  
UM CARNAVAL NA GUINÉ-BISSAU  
Sarah Maldoror  
1980 / 13 min / cor

Este documentário aborda o significado da identidade negra no respeitante aos festejos do Carnaval. Sarah Maldoror, a mãe do cinema africano, investigou a história e cultura do seu continente a partir de uma perspetiva afrocêntrica e documentou as festividades carnavalescas no filme *Un Carnaval dans le Sahel* (1979), produzido em Cabo Verde, e no breve documentário *Un Carnaval en Guinée-Bissau* (1980).

PRÉFACE À DES FUSILS POUR BANTA  
PREFÁCIO A ARMAS PARA BANTA  
Mathieu Kleyebe Abonnenc  
2011 / 26 min

Centrado no filme perdido *Des Fusils pour Banta* (*Armas para Banta*), de 1970, a primeira longa-metragem de Sarah Maldoror. Financiado pelo Exército Nacional Popular da Argélia, que tinha a esperança de vir a utilizá-lo como um instrumento de propaganda, o filme foi confiscado a Maldoror por causa das exigências que esta fez no sentido de controlar plenamente o processo de montagem. Até aos nossos dias, as bobinas não foram recuperadas nem devolvidas. Tudo o que resta de *Armas para Banta* é um conjunto de fotografias tiradas por Suzanne Lipinska no decurso das filmagens e memórias dispersas de Sarah Maldoror e outras testemunhas, recolhidas por Abonnenc ao longo de dois anos de conversas com a cineasta.

UMA MEMÓRIA EM TRÊS ATOS  
A MEMORY IN THREE ACTS  
Inadelso Cossa  
2016 / 64 min

A história colonial moçambicana deixou uma enorme ferida na memória coletiva do país. A estreia do realizador moçambicano Inadelso Cossa na longa-metragem é um ensaio poético sobre o trauma pós-colonial e a perda da memória coletiva, bem como uma investigação em torno do passado colonial português. *Uma Memória em Três Atos* dá voz àqueles que se viram silenciados durante o regime (presos e torturados ou obrigados à clandestinidade) e fá-lo no confronto com os locais desse silenciamento.

27 SET 18:30

REFLEXÕES/REFRAÇÕES III:  
PROJEÇÕES DE UMA LUTA  
QUE AINDA NÃO ACABOU

APRESENTADORES  
Filipa César  
Sana Na N’Hada  
MODERADOR  
Nuno Lisboa

SPELL REEL  
Filme coletivo, colagem e ensaio de Filipa César,  
com Anita Fernandez, Flora Gomes,  
Sana Na N’Hada e outros  
2017 / 96 min / cor / HD e 16mm transferido para vídeo

Em 2011, um arquivo de material audiovisual reemergiu em Bissau. À beira da ruína completa, o material testemunha o nascimento do cinema guineense enquanto parte da visão descolonizadora de Amílcar Cabral, o líder do movimento de libertação assassinado em 1973. Em colaboração com os cineastas guineenses Sana Na N’Hada e Flora Gomes, e muitos outros, Filipa César imagina uma viagem em que esta matéria frágil do passado opera como um prisma visionário de estilhaço, através do qual olhamos. Digitalizado em Berlim, exibido e comentado ao vivo, o arquivo convoca debates, histórias e prognósticos. Da sua exibição em aldeias isoladas da Guiné-Bissau ou em capitais europeias, as bobinas silenciosas passam a ser um instrumento que permite às pessoas procurar antídotos a um mundo em crise.



Conferências e Debates x

Cinema x

Performance x

# ARTES NA EUROPA NO TEMPO DA PÓS-MEMÓRIA

DULCE MARIA  
CARDOSO,  
FATIMA SISSANI,  
PITCHO

MODERADORA  
Margarida Calafate Ribeiro

3 OUT 2019  
QUI 18:30  
Pequeno Auditório  
Duração 90 min

Financiado pelo Conselho  
Europeu de Investigação no  
âmbito do Programa-Quadro  
Comunitário de Investigação  
& Inovação Horizonte 2020  
da União Europeia (n.º 648624)



## L'EXPÉRIENCE PI

Nesta performance *slam* intimista, Pitcho convida-nos a mergulhar num universo de culturas sincréticas através de poemas que relatam as experiências que forjaram o seu ser. Acompanhado do artista *beat-box* Joost Maaskant, a sua poesia *slam* é um convite para refletir sobre a dualidade que permeia a segunda geração de imigrantes na Bélgica.

## EUROPA COM MEMÓRIA

Hoje os europeus herdeiros dos movimentos políticos e populacionais saídos das descolonizações, que trouxeram até à Europa populações com vivências coloniais, são sujeitos e corpos políticos europeus que têm vindo a questionar estas vivências fora e dentro de solo europeu, assumindo memórias e identidades transnacionais e transterritoriais que colocam sob suspeita os modos e as geografias do humanismo europeu, as suas democracias e as suas práticas perante a barbárie do que foi o colonialismo e do que são ainda hoje as suas heranças. Hoje os filhos e netos das pessoas e dos líderes dos países envolvidos nas descolonizações, bem como muitos cidadãos não ocidentais a viver no Ocidente, lançam e colocam a pergunta a partir de outros lugares de enunciação, um dos quais, mas não certamente o exclusivo, é esse lugar híbrido que os habita e que é o lugar do não-branco europeu, do oriental-europeu, do latino americano-europeu, do árabe-europeu ou do europeu branco com memória africana. A partir das suas experiências familiares e públicas interrogam as histórias contadas na casa europeia e as histórias ocultadas, herdando objetos de territórios e vidas anteriores, interrogam narrativas museológicas, cujas coleções evocam fantasmas da empresa colonial, revisitam arquivos oficiais e contam essas histórias nos livros, nos filmes, nas obras de arte inscrevendo-os na casa europeia. Desta forma, alteram a cultura europeia e são responsáveis pelo seu cosmopolitismo e grandeza cultural, ao mesmo tempo que respondem, de forma dialógica, aos aspetos mais reacionários e mais avessos à mudança da cena europeia atual que reage à procura de uma essência nacional mitológica, a partir da qual se ergueram outros horrores do século XX europeu.

A presença crescente no espaço público de discursos racistas e xenófobos, correspondente, no contexto

geopolítico atual, a um notório abaixamento do limiar de tolerância aceite, dá-nos todas as razões para nos mantermos atentos. Mas não modificará o curso da história que é e será plural, feita de tantos sujeitos quantos aqueles que estão a escrever a história transnacional e transcontinental europeia de que todos somos herdeiros e que todos os dias nos demanda de ser cumprida.

Vivemos essa tensão, mas há também sinais que nos revelam uma atitude política de integração dessas heranças na nossa reflexão de cidadãos europeus, capaz de, a partir daí traçar outros horizontes, traçar futuro. O desenhar da história desse futuro tem sido o trabalho de investigação e ação do projeto europeu MEMOIRS – Filhos de Império e Pós-Memórias Europeias, que, trabalhando com cidadãos e artistas europeus começa a ver e a assinalar esse futuro que é branco, é negro, é árabe, é mestiço, e em que as vozes das mulheres se têm destacado ao veicular as propostas mais inovadoras e arrojadas. A maioria delas lida com as memórias estrangeiras, mas familiares, memórias dos seus pais e avós. Tratam-nas como material nobre dos seus trabalhos e assim criam obras inovadoras que contam outras histórias em que nos reconhecemos porque também fazemos parte delas. São artistas e cidadãs migrantes que sabem que é nessa condição que são europeias cosmopolitas, e que nos solicitam uma democracia e uma Europa com memória.

António Pinto Ribeiro

Cinema x

# FATIMA SISSANI

## A LÍNGUA DE ZAHRA

A partir do retrato fílmico da sua mãe, Fatima Sissani (1970) trabalha a arte da palavra, tão cara ao universo cultural da imigração argelina em França. Muitas vezes relegados a trabalhos silenciosos e isolados, estes imigrantes encontram na língua do país de origem o retorno às suas raízes, memórias e histórias.

Cineasta e documentarista franco-argelina, os trabalhos de Sissani centram-se em histórias “mínimas” de personagens aparentemente secundárias. É a partir destas narrativas que alcança os temas geopolíticos da nossa contemporaneidade: a migração, o exílio e a linguagem.

REALIZAÇÃO  
Fatima Sissani  
IMAGEM  
Olga Widmer  
SOM  
Olivier Krabbé  
MONTAGEM  
Anne Lecour

3 OUT 2019  
QUI 21:30  
Pequeno Auditório  
Duração 90 min





FATIMA HARRAK	19 SET	QUI 18:30
TUDO PASSA, EXCETO O PASSADO	24 SET	TER 18:30
REIMAGINAR O ARQUIVO PÓS-COLONIAL	25 SET 26 SET 27 SET	QUA 21:30 QUI 21:30 SEX 18:30
HOTEL EUROPA: O FIM DO COLONIALISMO PORTUGUÊS (INSTALAÇÃO)	25–27 SET 28–29 SET	QUA–SEX 11:00–18:30 SÁB–DOM 15:00–18:30
MEMÓRIAS AFRICANAS DE PORTUGAL	26 SET	QUI 18:30
HOTEL EUROPA: OS FILHOS DO COLONIALISMO	26 SET 27 SET 28 SET	QUI 21:00 SEX 21:00 SÁB 19:00
ARTES NA EUROPA NO TEMPO DA PÓS-MEMÓRIA	3 OUT	QUI 18:30
FATIMA SISSANI: A LÍNGUA DE ZAHRA	3 OUT	QUI 21:30
HOTEL EUROPA: O FIM DO COLONIALISMO PORTUGUÊS (PERFORMANCE)	5 OUT	SÁB 11:00–00:00